

Decisão cria "hiato histórico"

Novo Iorque — A decisão do Citicorp de aumentar suas reservas em 3 bilhões de dólares foi classificada ontem em círculos financeiros como um hiato histórico no problema da Dívida externa, semelhante as crises provocadas pelo México em 1982 e a moratória do Brasil em fevereiro passado.

«Isso muda completamente as regras do jogo: de agora em diante, as renegociações da dívida externa do Terceiro Mundo terão um novo contexto», disse o diretor de um centro de estudos financeiros que pediu para não ser identificado.

O *New York Times* classificou a decisão do Citicorp, a maior corporação bancária norte-americana, como «um divisor de águas» na história da crise da dívida, iniciada pelo México ha cinco anos.

Numerosos analistas destacaram que a medida desvaloriza de fato toda a dívida do terceiro mundo em 20 por cento, refletindo assim, com mais precisão, seu verdadeiro mundo em 20 por cento, refletindo assim, com mais precisão, seu verdadeiro valor no mercado secundário.

Altos funcionários de institutos internacionais vinculados ao problema da dívida, classificaram a decisão de positiva, ainda que tenham admitido, que ao fortalecer sua posição, o Citibank certamente forçará outros bancos a seguir seu exemplo, com o provável resultado de que as negociações com os países devedores que não cumpram com seus pagamentos serão mais difíceis.

O outro lado da moeda é que os bancos estarão em melhor

posição para reiniciar seus empréstimos aos países que paguem pontualmente suas dívidas, disse o responsável por assuntos brasileiros em um instituto universitário de estudos econômicos de Washington.

Essencialmente, tudo vai continuar dependendo do desempenho dos países devedores, e os bancos poderão olhar mais para o futuro que para o passado, com uma posição de maior força para exigir reformas econômicas do tipo aconselhado pelo Fundo Monetário Internacional (FMI), disse o especialista.

Para os analistas não restam dúvidas de que a decisão do Citicorp foi precipitada por sua convicção de que a moratória brasileira poderá prolongar-se mais do que se havia antecipado, e eventualmente forçará os bancos a encaixarem novas reduções em seus ingressos este ano.

Igualmente, os especialistas estão convencidos de que o Citibank quis reforçar sua posição frente à eventualidade tendência dos países endividados de exigir mais concessões em cada nova negociação.

John Reed, presidente e principal executivo do Citicorp, admitiu que a decisão «pode ser mal interpretada como uma tática de negociação», mas assegurou que esse não foi o objetivo.

Posição

Afirmou também que o banco não mudará sua posição frente aos países devedores e continuará apoiando o Plano Baker, que supõe a concessão de novos empréstimos aos países que adotem reformas econômicas

apropriadas.

Reed declarou, entretanto, em fevereiro passado, que estava disposto a endurecer o enfoque das negociações com os países endividados, e manifestou-se firmemente contrário a sugestões de que os bancos reduzirão com prejuízo parte de seus empréstimos.

Ao fundamentar a decisão anunciada anteontem, Reed disse que o Citicorp convenceu-se de que os problemas da dívida externa «ficarão conosco até os anos noventa», devido a persistência de uma série de fatores negativos na economia mundial.

Entre os sinais negativos, ressaltados em abril passado durante a reunião de primavera do FMI e do Banco Mundial, em Washington, figuram a tendência a alta das taxas de juros, o lento crescimento da economia global, que deprime os preços das matérias-primas, e as dificuldades para a redução dos déficits fiscal e comercial dos Estados Unidos, assim como seus desequilíbrios com outros países industrializados.

Empréstimos

Reed anunciou também que o Citibank se propõe a reduzir sua exposição com o Terceiro Mundo, vendendo parte de seus empréstimos, e abordando a modalidade de mudar dívidas por investimentos (debt/equity swaps).

É a primeira vez que um dos grandes «centros monetários» dos Estados Unidos revela sua intenção de incursionar nesse campo, admitindo assim que o valor em livros de seus empréstimos ao Terceiro Mundo é inferior ao valor nominal.